

RESENHA

Título Original:

A Nossa Bandeira Jamais Será Vermelha

Lançamento:

22 de outubro de 2020

Direção:

Pablo López Guelli

Duração:

1h12

Gênero:

Documentário Nacional

Nacionalidade:

Brasil



O filme “A Nossa Bandeira Jamais Será Vermelha”, de Pablo López Guelli, aborda de forma transparente, porém muito detalhada, o impacto que a mídia brasileira tem causado diretamente na política e como as corporações midiáticas possuem poder e exercem controle do País. Além disso, um dos focos principais do filme é abordar as reviravoltas que aconteceram na política brasileira, após o golpe de 2016, mostrando como foi a influência direta do quarto poder nesse período.

A partir dos primeiros minutos do filme, somos apresentados à jornalista independente Laura Capriglione, que trabalhou na Folha de S.Paulo. Ela aponta desde o início do documentário aspectos de uma mídia sensacionalista que existe atualmente no Brasil. Questiona, também, a postura da imprensa em mostrar apenas o que deseja como destaque — e não os assuntos que precisam ser apresentados para a população.

Um fato importante que é apresentado ao espectador desde o começo é a internet, expondo que os jornalistas independentes lutaram nas redes sociais para trazer uma cobertura completa dos protestos a favor da ex-presidente Dilma Rousseff, enquanto a mídia tradicional negligenciou esse fato e fingiu que não estava acontecendo nada no País. Com isso, entramos no principal assunto a ser discutido: a polarização política que tem acontecido dentro da imprensa brasileira.

O aumento dessa divergência ficou muito mais claro depois dos protestos que aconteceram em 2013 e contra as Olimpíadas — estes ocorreram já em 2016. Nesse momento a democracia do País se viu ameaçada pela mídia - e tudo, na ótica da obra documental, financiado pela maior vilã dessa história, a Rede Globo. O documentário mostra que os meios de comunicação brasileiros começaram a perder sua imparcialidade e deixaram de forma escancarada seu ponto de vista. Como o filme expõe, a mesma opinião é compartilhada pelos principais veículos de comunicação.

O diretor traz nomes importantes de profissionais da área da comunicação para criar um debate sobre o tema. Entre eles, Glenn Greenwald, Noam Chomsky, Luis Nassif e Jessé Souza. Nessa parte, Guelli procura apresentar historicamente essa trajetória da mídia brasileira, mostrando que embora houvesse um sentimento de culpa por causa do golpe que instaurou a Ditadura Militar em 1964, a elite ainda possui o controle sobre os seis principais veículos existentes no Brasil. Eles que trabalham nosso agenda setting, publicando o que defendem.

O filme começa a fazer um comparativo entre as ideologias defendidas pela mídia nacional e a internacional. Nesse trecho percebemos que a imprensa brasileira é comandada por um grupo de famílias de direita, como aponta o filósofo Noam Chomsky. E logo em seguida se faz uma alusão histórica com o Brasil do século XIX, lembrando o regime escravocrata ainda presente no País. O documentário acerta ao construir uma linha do tempo detalhada e ao mesmo tempo esclarecedora para chegar no que seria o maior golpe da mídia fraudulenta que temos aqui, o impeachment de uma presidenta democraticamente eleita.

As imagens mostradas das manifestações foram um dos pontos mais importantes para a narrativa que o documentário vem construindo. Mostra-se como a mídia reverteu o movimento em vandalismo e violência. Além disso, existem trechos do Jornal Nacional que foram cuidadosamente encaixados nessa parte e eles fazem dentro da história, porque chegou em momento do ano de 2013 em que a mídia — mas a Rede Globo em especial — começou a fazer uma lavagem cerebral no telespectador, segundo a obra, expondo com exclusividade apenas assuntos ligados à barbárie que foram as manifestações.

É possível fazer uma conexão desse documentário com outro filme, lançado recentemente na plataforma de streaming Netflix: “O Dilema das Redes”. Isso porque as redes sociais e a mídia tradicional são as duas maiores instituições relacionadas à manipulação em massa. Mas, principalmente, porque ambas tiveram influência direta na política brasileira nos últimos e na disseminação de notícias falsas para a população. Como, aliás, vem acontecendo durante o governo de Jair Bolsonaro (sem partido).

“A Nossa Bandeira Jamais Será Vermelha” é um filme que explora de forma bastante compreensível os interesses que a mídia têm no Brasil e em muitos momentos age como forma de denúncia contra a imprensa elitista brasileira. O diretor sabe como abrir o caminho para diversas partes da discussão de uma forma que não fica cansativa para o telespectador e mostra diferentes pontos de vista para evidenciar o tema em questão. Existe um ponto que merece ser elogiado: a apuração feita, conectando cada um dos detalhes da narrativa, deixando tudo mais claro. Algo que, ironicamente, a mídia brasileira não faz.